



Antonio Manuel

CASSIA BOMENY
GALERIA

29 DE AGOSTO A 24 DE OUTUBRO DE 2017

Antonio Manuel



Antonio Manuel

Segundo Guy Brett, “há pelo menos três áreas de atuação nas quais se desdobra o trabalho de Antonio Manuel: poderíamos chamá-las de “nexo da pintura”, “nexo da ação” e “nexo do espaço”. As três operam paralelamente, seguindo suas naturezas separadas, se sobrepõem e se entrelaçam para construir a resposta humana e corajosa aos conflitos e possibilidades de seu tempo nos domínios artístico e político”.¹ Mas de fato, é na pintura nessas três esferas – a ação e a pintura articuladas com o espaço – que encontramos sua síntese que, como forma austera, projeta-se para o meio ambiente como arquitetura afetiva.

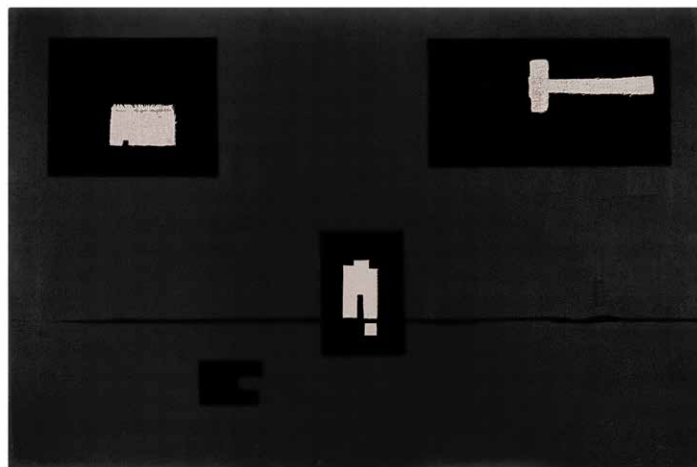
Mesmo que a pintura de Antonio Manuel tenha surgido publicamente no contexto dos anos 1980, momento de revalorização do suporte, o interesse por seus elementos constitutivos – ponto, linha, plano, luz, cor, volume – já estava presente em seus guaches, nos primeiros desenhos realizados sobre papel impresso (*Jornais*, 1966-1968) e nas suas intervenções sobre *Flan* (1968-1975), cujo desejo era o de contar histórias pesadas. Mas, já naquela época, encontramos estruturas “mondrianescas”, nas quais podemos reconhecer elementos do seu embate pictórico. Para ele, seus guaches não são “elementos de desenho”, mas “pequenas pinturas de cor”.

Em dado momento, a pintura se torna uma questão artística e caminha para a abstração, “foi quando o trabalho teve que ganhar a escala da casa, com o nascimento de meus filhos”, diz o artista.



Ocupações/descobrimentos, 1998/2002
Tijolo, cimento e esmalte sintético
110 x 154 cm

Sem título, 1983
Tinta acrílica sobre linho
16 x 21cm



Emigrante, 1990
Tinta acrílica sobre tela e colagem
100 x 150 cm

Suas primeiras pinturas datam de 1982: pequenos recortes de linho, irregulares, que apresentam áreas de cor de caráter geométrico, com linhas arquitetônicas conjugadas a linhas vacilantes com resquícios de figuração.

Segundo o artista: “uma das dificuldades que encontrei com a pintura foi a mudança de uma figuração para uma pintura abstrata. Os panos de linho cru da década de 1980 marcaram o processo do desligamento da figura para uma abstração geométrica. Pouco a pouco, o poder da imagem foi se abstraído, dando margem a criação dos espaços construtivos”.²

Em 1990, Antonio Manuel pinta *Emigrante*, uma tela cinza-escuro, com o espaço cortado como um horizonte, onde a imagem é feita por sombras de figuras aplicadas e retiradas da tela, que sugerem uma casa, uma pessoa e um martelo, objeto que já havia aparecido nas *Urnas quentes* (1968) e que retorna, posteriormente, nas ações de quebra dos *Muros*.

Não é possível deixar de mencionar a natureza pictórica presente em *Ocupações/Descobrimientos* (1998), esculturas e instalações que giram em torno da ação dura e violenta de abrir buracos em paredes, e de criar áreas de cor e contenção, como espaço de possibilidades abertas.

Para Paulo Venâncio, “o obstáculo e a passagem formam um par constante na obra de Antonio Manuel”, como um mesmo problema que articula estruturas geométricas, com frontalidade vazada, construindo uma arquitetura

aberta virtual. A pintura pulsa como a realidade. “O impacto visual que se pretende é muito mais direto que discreto, mais próximo da parede que da tela”.³

Não é possível estabelecer uma unidade fechada do quadro justamente por sua articulação com a arquitetura e a experiência sensorial do espectador acionada pela estrutura cor. Não há superfície, mas arquitetura. Seus furos, intervenções feitas com cortes nas telas ou nos *Muros*, causam impacto imediato, criando desejos de contenção e de ação.

Cada quadro indica um evento único, e seu espaço “decomposto em cifras geométricas, claras e inesperadas”,⁴ articuladas com a arquitetura, cria “um fato”, que intervéem em nossa percepção fenomenológica. O título “é o pensamento da obra”, onde habitam uma ou outra ideia paradoxal.

Conversando sobre seu processo de pintura, ele disse: “certa vez, como não tinha ideia do que pintar, parti do retângulo. Coloquei o retângulo amarelo e ele me ‘disse’ o próximo passo.” Cada intervenção indica a próxima. Sua pintura não parte de um projeto e não tem algo prévio a ser executado, pois seria meramente ilustração. Para Antonio, “o importante é o desafio do dia a dia”, é como se precisasse descobrir o próprio trabalho a cada momento. Incluindo aí o ato de olhar e o tempo da espera. Para ele “o ato de olhar é também uma ato de pintar”. E segue, “fico dois dias olhando para

pintura, sem botar a mão na tela, e ainda sim estou pintando”.

No trabalho de Antonio Manuel não há diferença entre pintura, instalação, objeto, performance. Ele trabalha, a um só tempo, em termos de linguagem. Sua produção é múltipla e diversificada, com coerência poética única. Um trabalho que envolve aspectos formais, performativos e políticos, e que desde sempre teve uma preocupação construtivista e brasileira.

Sua pintura parte do desejo de pintar e não de uma vocação de ofício, o que justifica seus treze anos sem apresentar uma exposição de pintura. Não se trata de uma produção em “séries”, mas sim uma produção de “estados” de necessidade de pintar.

Franz Manata

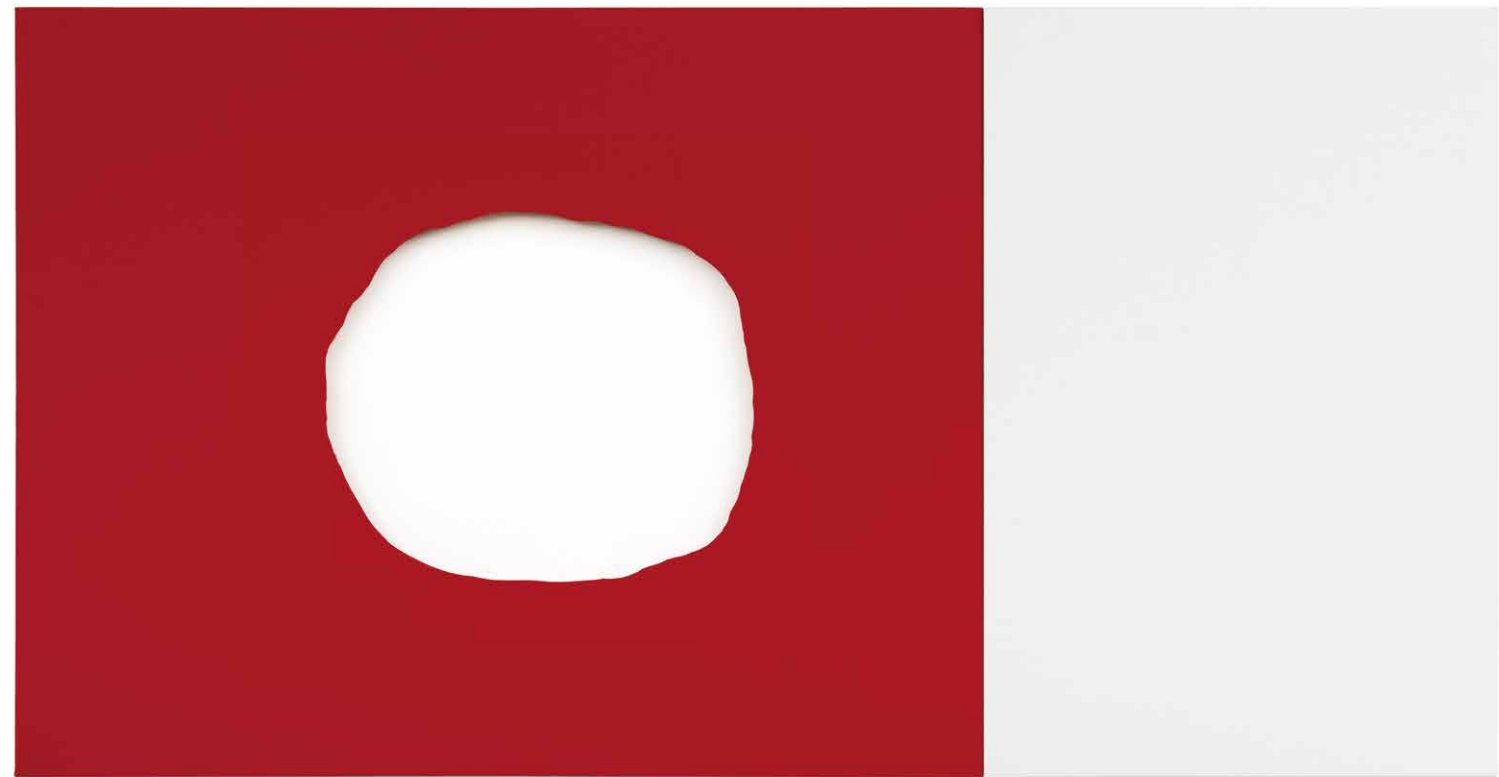
Rio, inverno de 2017

1 Brett, Guy. Estados de medo e liberdade. In: *Fatos Antonio Manuel*. Rio de Janeiro: CCBB, 2007, p. 54.

2 Osorio, Luiz Camillo (org.). *Antonio Manuel*. (Com ensaio de Alberto Tassinari). Rio de Janeiro: MAM, 2013, p. 58.

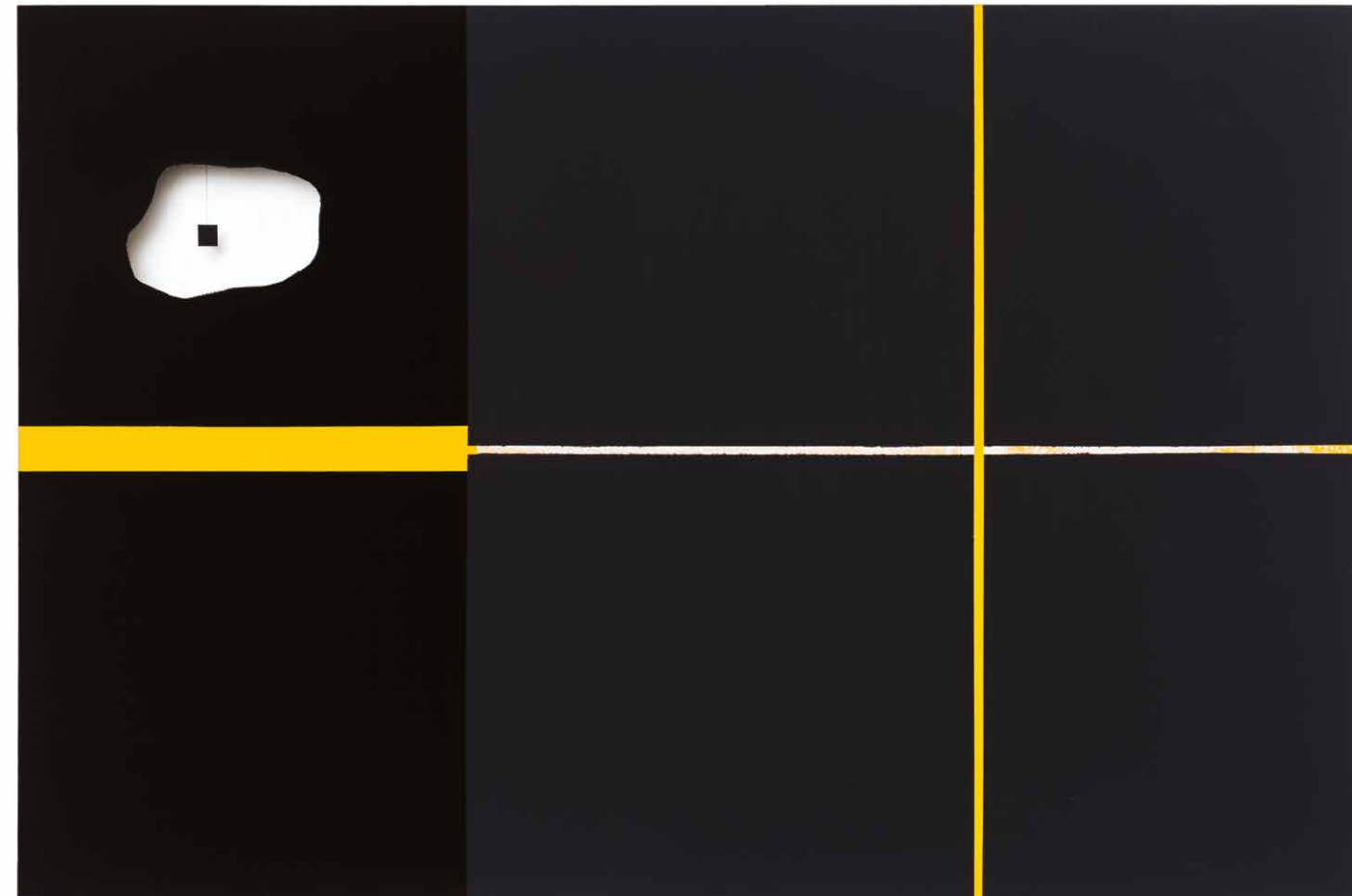
3 Venâncio Filho, Paulo. Ato/Fato. In: *Fatos Antonio Manuel*. Op. cit., p. 37 e 42.

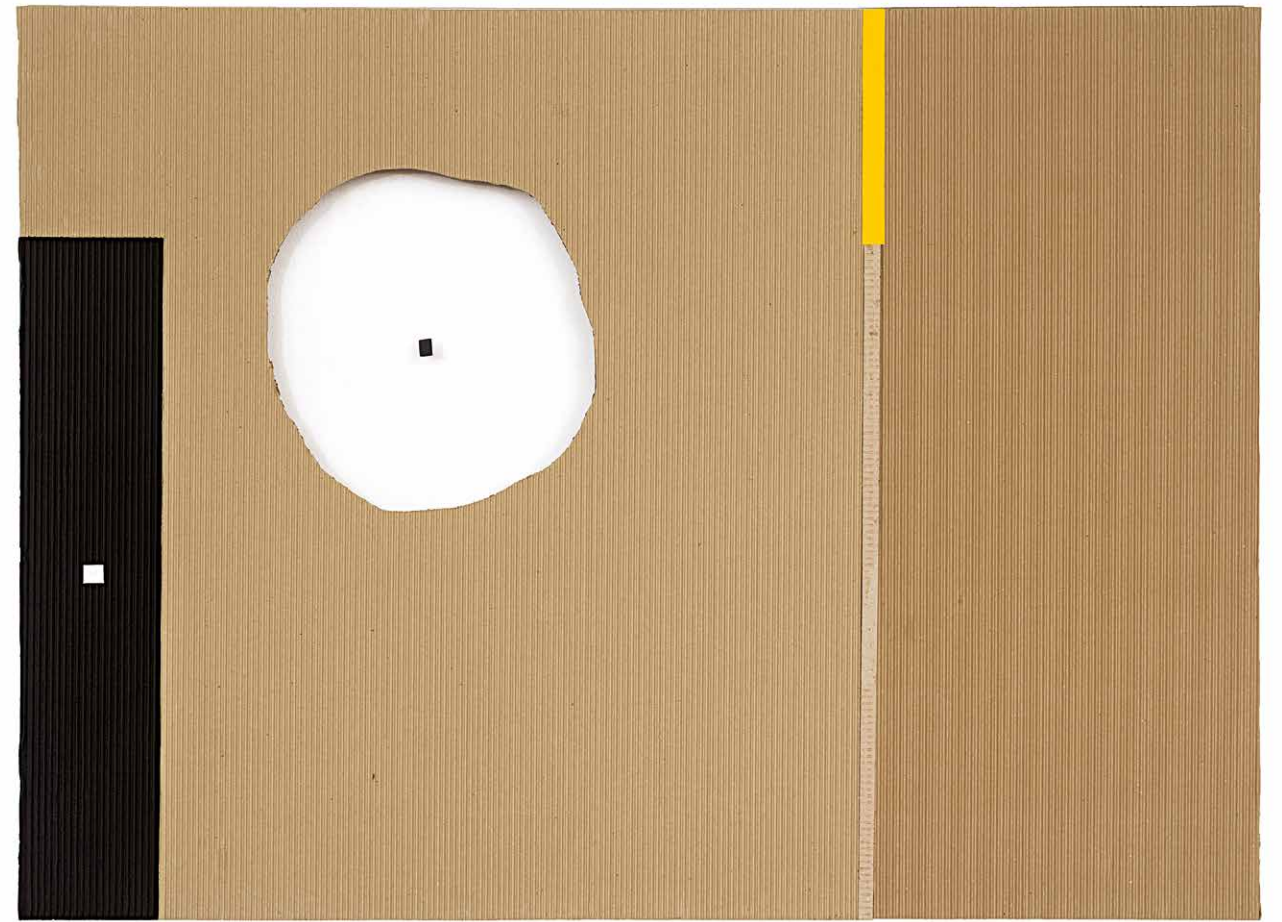
4 Todas as citações do artista foram extraídas de conversas gravadas no Rio de Janeiro, em julho de 2017.



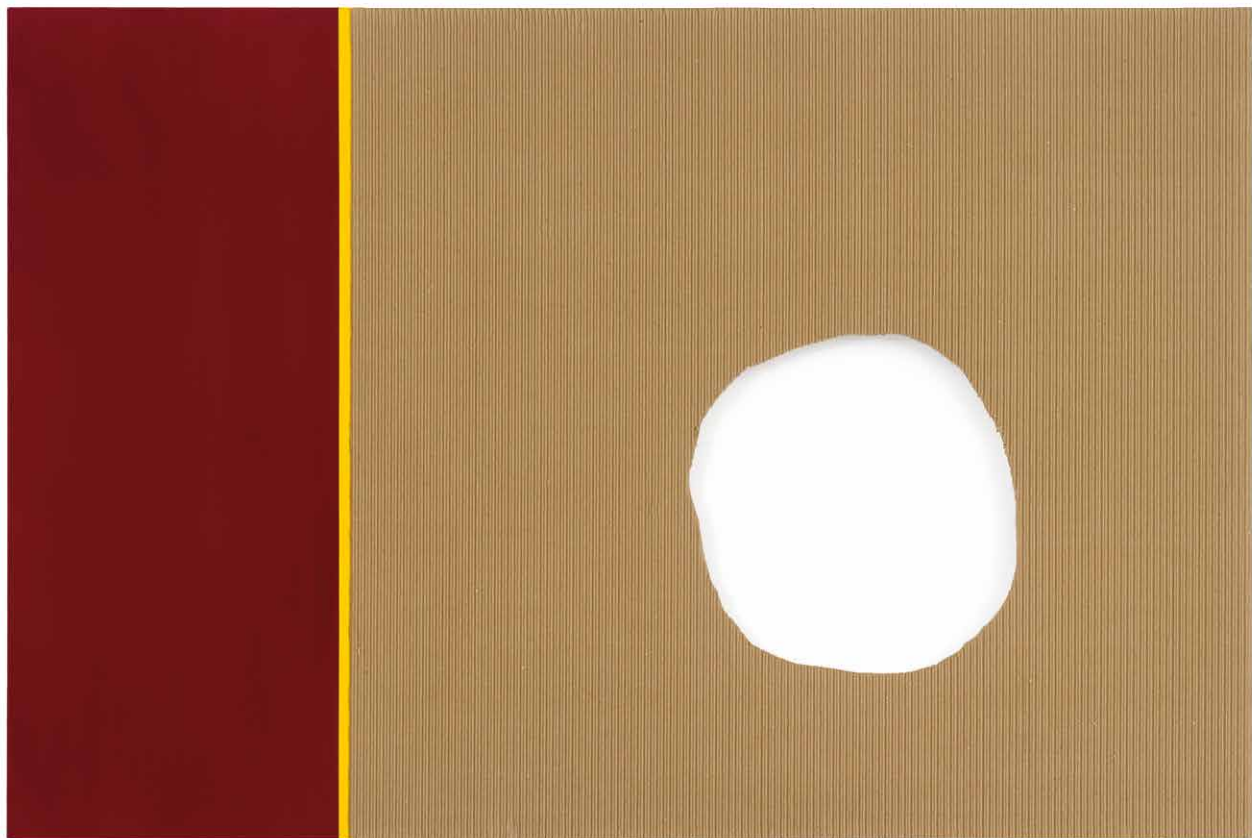
Vermelho e branco, 2017
Díptico
Tinta acrílica sobre tela
200 x 380 cm

Memória afetiva, 2016
Tinta acrílica sobre tela e
pêndulo em cartão e linha
100 x 150 cm





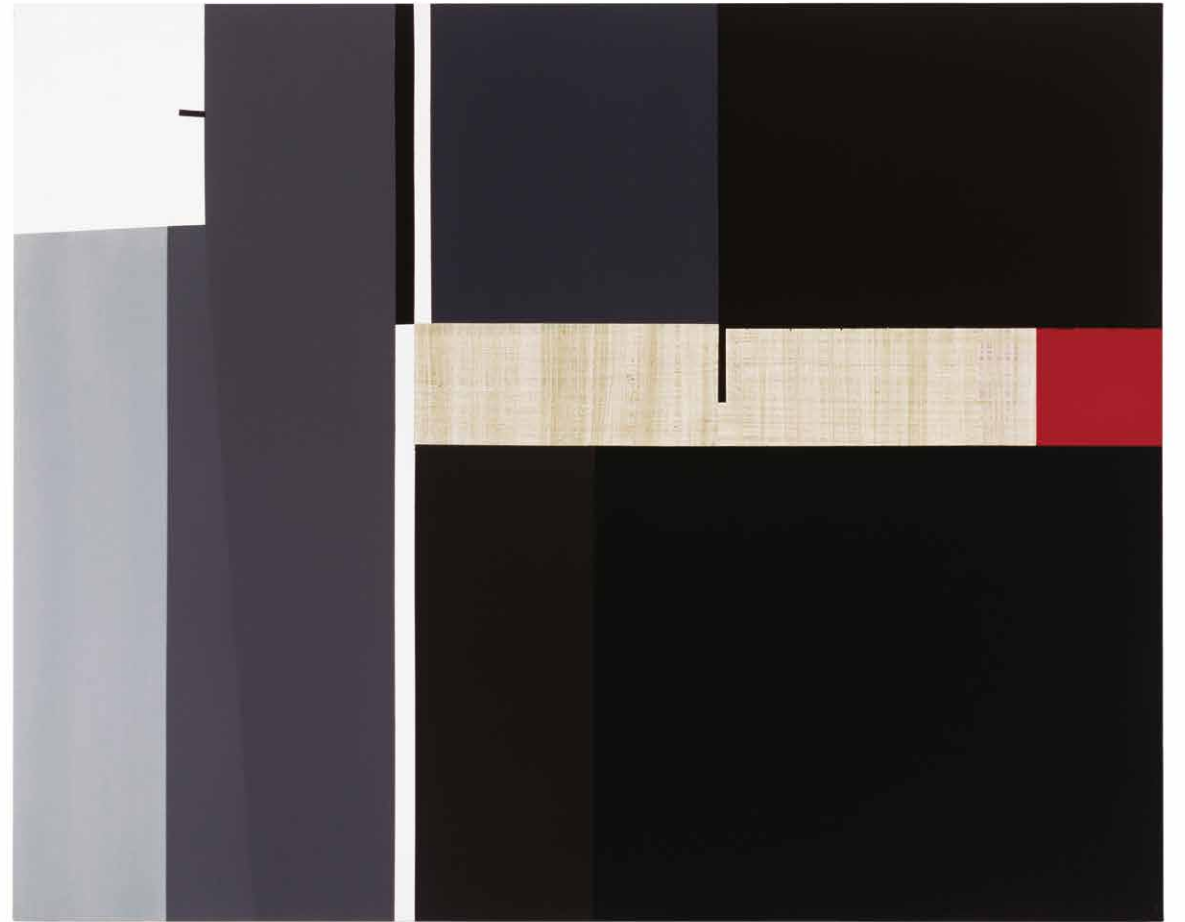
Pêndulo P/B, 2015
Tinta acrílica, papel corrugado e colagem
sobre tela, pêndulo em cerâmica
110 x 150cm



Círculo vazado, 2015
Tinta acrílica e papel corrugado sobre tela
100 x 150 cm



Colmeias, 2016
Díptico
Tinta acrílica e texturas sobre tela
155 x 213cm



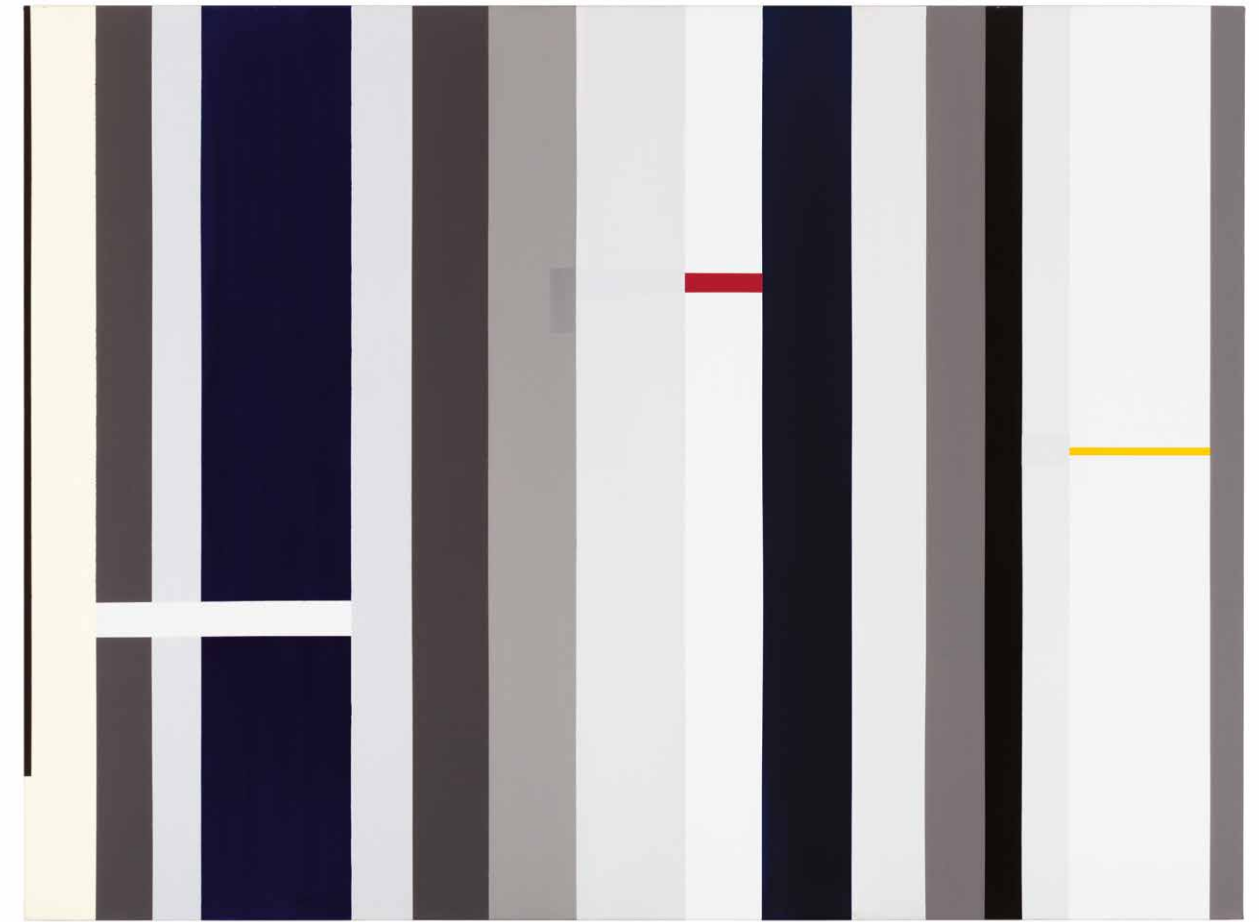
Plano inclinado, 2016
Tinta acrílica e papiro sobre tela
120 x 150 cm

Dois planos/cor, 2017
Tinta acrílica sobre tela
110 × 150 cm

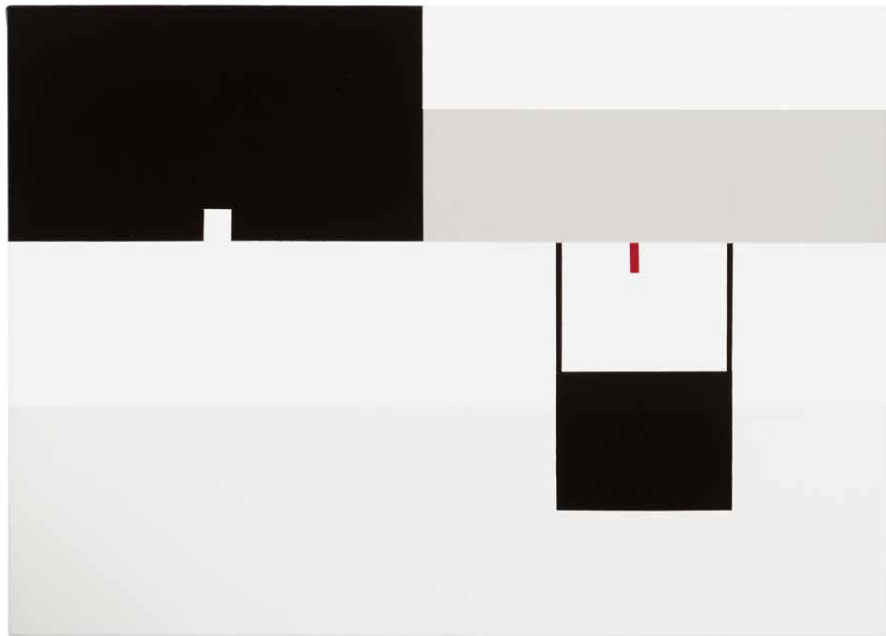




Retas e brilho, 2017
Tinta acrílica e esmalte sintético sobre tela
120 x 160cm



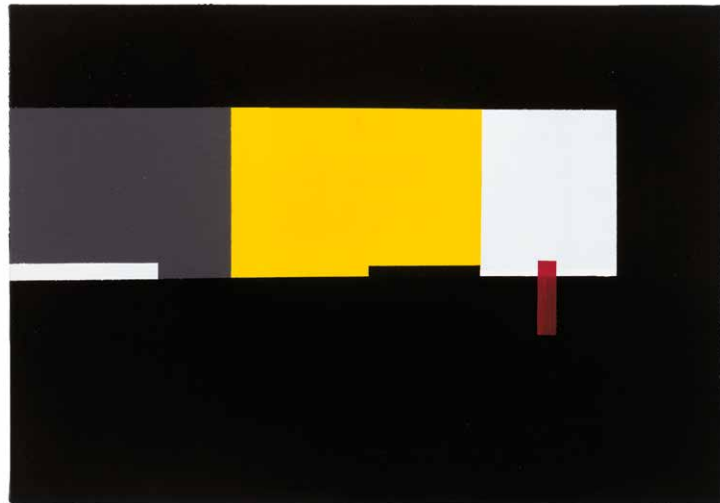
Matéria e sentidos, 2016
Tinta acrílica sobre tela
120 x 160 cm



Campo gráfico, 2017
Tinta acrílica sobre tela
50 x 70 cm

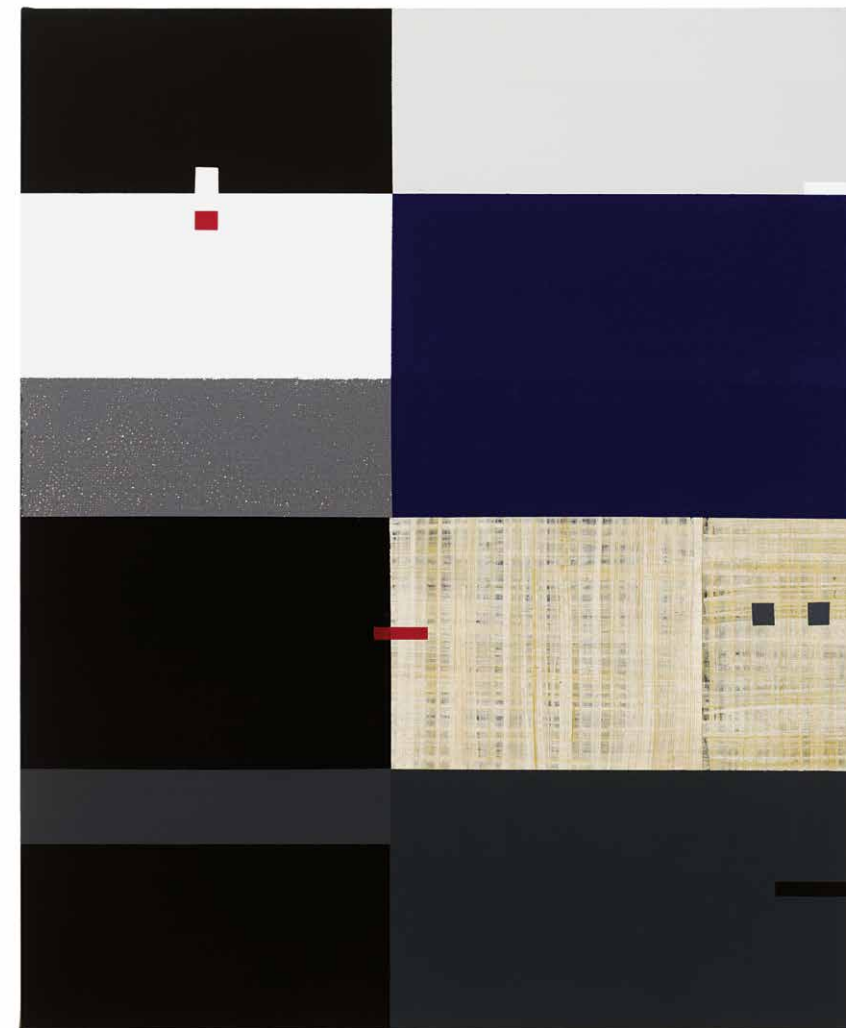
Imagens, 2017
Tinta acrílica e colagem sobre tela
50 x 70 cm





Ligações poéticas, 2016
Tinta acrílica e texturas sobre tela
35 x 50 cm

Campos/cantos, 2017
Tinta acrílica e papiro sobre tela
110 x 90 cm





Interior, 2017
Tinta acrílica e juta sobre tela
70 x 50 cm

Yellow, 2017
Tinta acrílica e juta sobre tela
70 x 50 cm





Antonio Manuel (Avelãs de Caminha, Portugal, 1947. Vive e trabalha no Rio de Janeiro) é um dos principais nomes ligados ao experimentalismo no Brasil entre o final dos anos 1960 e a década seguinte. O artista instigou o mundo das artes nos anos 1970, representando a liberdade de expressão, em plena época da Ditadura Militar. Suas obras integram importantes coleções como MoMA (Nova York), Tate Modern (Londres), Fundação Serralves (Porto), Museu de Arte Moderna (Rio de Janeiro), Museu de Arte Moderna (São Paulo), Museu de Arte Contemporânea de Niterói (Rio de Janeiro), entre outras.

Realizou exposições individuais no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (2014); na Americas Society (2011), EUA; no Centro Cultural Banco do Brasil (2007), SP; no Pharos Centre of Contemporary Art (2005), Chipre; no Museu da Chácara do Céu (2002), RJ; na Fundação Serralves (2000), Portugal; no Jeu de Paume (1999), França; no Museu de Arte Contemporânea de Niterói (1998), RJ; no Centro de Arte Hélio Oiticica (1997), RJ, entre outras.

Dentre suas principais exposições coletivas destacam-se: “Memories of Underdevelopment” (2017), Museum of Contemporary

Art San Diego, EUA; “Calder e a Arte Brasileira” (2016), Itaú Cultural, SP; “Transparência e Reflexo” (2016), MuBE, SP; “Portugal/ Portugueses” (2016), Museu Afro Brasil, SP; “Em Polvorosa” (2016), MAM, RJ; “É tanta coisa que não cabe aqui” (2015), Pavilhão Brasileiro da 56ª Bienal de Veneza, Itália; “International Pop” (2015), Dallas Museum e Walker Art Center, EUA; “America Latina 1960 – 2013” (2014), Fundação Cartier, França; “30ª Bienal de São Paulo” (2013), SP; “Arte de contradicciones. Pop, realismo y política. Brasil – Argentina 1960” (2011), Fundación PROA, Argentina; “29ª Bienal de São Paulo” (2010), SP; “Art Vida: Action by Artists of the Americas, 1960 – 2000” (2008), Museo Del Barrio, EUA; “Arte como questão – Anos 70” (2007), Instituto Tomie Ohtake, SP; “5ª Bienal do Mercosul” (2005), RS; “L’Art Contemporain Brésilien dans sa diversité” (2005), Carreau du Temple, França; “Beyond Geometry; Experiments in Form. 1940-70’s” (2004), Los Angeles Museum of Art e Miami Art Museum, EUA; “Inverted Utopias” (2004), Museum of Fine Arts Houston, EUA; “Brazil: Body and Soul” (2001), Guggenheim Museum, EUA; “Experiment: art in Brazil 1958-2000” (2001), no Museum of Modern Art, Inglaterra.

direção **Cassia Bomeny**

curadoria **Franz Manata**

assessoria de comunicação **Beatriz Caillaux**

fotos **Lula Rodrigues**

assistente de fotografia **Pedro Victor Brandão**

retrato do artista **Giovanna Lanna**

design **Verbo Arte Design**

impressão **J. Sholna**

CASSIA BOMENY **GALERIA**

Rua Garcia D'Ávila, 196

Ipanema, Rio de Janeiro

+ 55 21 3085 3000

+ 55 21 97390-5995

cassiabomeny.com.br

CASSIA BOMENY
GALERIA